



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

“DA IMENSA INSATISFAÇÃO, DA VONTADE DE MUDAR”: O MESS E A DIMENSÃO CRÍTICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Ana Cristina Farias Guedes¹
Diana Vanessa Pereira²

Resumo: O presente artigo apresenta os resultados do trabalho monográfico sobre a temática do movimento estudantil de Serviço Social e a dimensão crítica adquirida pela profissão através da apropriação da teoria social crítica pelo movimento de reconceituação na década de 1980 que culminou no marco histórico: o congresso da virada. Quanto à abordagem, é qualitativa e quantitativa. Quanto ao tipo de pesquisa, exploratória, bibliográfica e de campo. Os resultados obtidos neste estudo ressaltam o quanto torna-se dificultoso associar as atividades acadêmicas, trabalho e a participação das/os estudantes entrevistados no MESS e nas suas formas organizativas (centro acadêmico e na ENESSO). Espera-se que este estudo contribua para o conhecimento das/os estudantes sobre as peculiaridades do MESS na sociabilidade contemporânea.

Palavras-chave: Formação Profissional, Movimentos Sociais, Movimento Estudantil de Serviço Social.

Abstrac: This article presents the results of the monographic work on the theme of the student movement of Social service and the critical dimension acquired by the profession through the appropriation of critical social theory by the movement of reconceptuation in the decade Of 1980 which culminated in the historical landmark: The Congress of the turn. Qbeen such the approach, it is qualitative and quantitative, regarding the type of exploratory, bibliographic and field research. The results obtained in this study emphasize how difficult it is to associate the academic activities, work and the participation of the students interviewed in the MESS and their organizational forms (Academic Center and ENESSO). It Is hoped that this study contributes to the knowledge of the students about the peculiarities OF MESS in contemporary sociability.

Keywords: Vocational Training, Social Movements, Student Movement of Social Work.

INTRODUÇÃO

O Movimento Estudantil de Serviço Social surge pelas necessidades e particularidades concretas, demandadas pelos estudantes nos espaços que ocupam nas universidades e instituições de ensino superior. A organização estudantil se expressou em conjunto ao movimento de reconceituação, marco histórico do Serviço Social, tendo como bandeira de reivindicação a formação profissional e política dos estudantes.

¹ Estudante de Graduação, Faculdade Terra Nordeste, E-mail: anacristinafariasg@gmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social, Faculdade Terra Nordeste, E-mail: anacristinafariasg@gmail.com.

A inserção do MESS no processo de renovação da profissão permeia as relações sociais findadas na realidade histórica brasileira, perpassando a totalidade e compreensão desse período. O movimento estudantil nunca esteve isento dos rebatimentos e contradições postos no cenário brasileiro.

Portanto, a presente pesquisa revela as dificuldades desse protagonismo do movimento estudantil e apropriação da dimensão crítica, associada pela atual conjuntura político–econômica, posta pela sociabilidade capitalista neoliberal. Nessa linha de investigação, o estudo buscou compreender percepções dos estudantes de uma IES privada, ingressantes e concludentes do curso de bacharelado em Serviço Social da Faculdade Terra Nordeste (FATENE).

Para obter os resultados desta pesquisa, a metodologia utilizada perpassou, desde o embasamento teórico da pesquisa social aplicada, pelos métodos exploratório, bibliográfico, pesquisa de campo e discussão dos resultados da pesquisa. A utilização das abordagens qualitativas e quantitativas torna esta pesquisa um instrumento rico, por sua composição quali-quantitativa, ao trazer reflexões das/os entrevistados e dados percentuais do perfil acadêmico.

Em pleno processo contraditório, esta pesquisa se desenvolveu para elucidar posicionamentos relevantes da perspectiva dos estudantes sobre o MESS, sobre a organização estudantil dentro da IES e sobre associação das disciplinas com o MESS. Os resultados adquiridos com este estudo traçam o perfil sócio-econômico das/os estudantes, como a presença majoritária do sexo feminino no curso, a inserção destes estudantes por meio de programas do governo e a percepção do curso de Serviço Social.

Os resultados da pesquisa evidenciam dados relevantes que dizem respeito às dificuldades das/os estudantes em conciliar a jornada de trabalho, estudo e atividades acadêmicas. Sobre isso, a pesquisa revela que 85% das/os entrevistados afirmaram não participarem de grupos de estudo, pesquisas e extensão durante o período da graduação, em consonância entre ingressante e concludentes.

DESENVOLVIMENTO

“Ousando ser livre”: Apropriação da Teoria Social Crítica pelo Serviço Social brasileiro.

O processo de renovação que o Serviço Social brasileiro perpassou até chegar no marco histórico, imprime a aproximação e absorção da teoria social crítica marxista. É no âmbito da adoção do marxismo como referência analítica que sua influência se torna hegemônica no Serviço Social no país. Segundo Yasbek (2009), a tradição marxista se torna fonte para apreender a realidade da sociedade brasileira e o real, mesmo sendo contraditório.

Essa contradição marcante na profissão veio a partir da dificuldade de acesso às obras originais de Marx pelos profissionais, o qual se tinha somente pela tradição marxista advinda no país através do partido comunista brasileiro, como afirma Netto (2009)

[...] que se tratava de “um marxismo sem Marx”: geralmente provinha de manuais de divulgação ou, em alguns casos, da referência a importantes pensadores marxistas, porém tomados sem o conhecimento da tradição que os implicava e explicava. Podem-se distinguir, neste processo de inserção do pensamento marxista no Serviço Social brasileiro, dois momentos: um, primeiro, correspondente ao período que vai do fim dos anos 1970 até o final dos 1980 e aquele que então se inicia e se prolonga até hoje. No primeiro, próprio à crise e à derrota da ditadura e ao afluxo dos movimentos democráticos e populares, a referência formal ao marxismo e a Marx tornou-se dominante entre as vanguardas profissionais [...] De qualquer maneira, há um saldo objetivo indiscutível: a inserção do pensamento de Marx contribuiu decisivamente para oxigenar o Serviço Social brasileiro e, desde então e apesar tudo, constituiu-se nele uma nova geração de pesquisadores que se vale competentemente das concepções teórico-metodológicas de Marx (NETTO, 2009, p.30).

Portanto, a partir deste ponto, as influências teóricas pelas quais o Serviço Social “bebeu da fonte”, das ciências sociais através de Durkheim, o positivismo – funcionalista, que não objetivava a superação da ordem burguesa, e Weber, a fenomenologia, que a sua lógica também era de manutenção da sociedade burguesa, “essas influências não foram superadas – antes se viram agravadas inclusive com incidência neopositivista.” Segundo Netto (2009, p. 3), conforme as considerações feitas sobre a intenção de ruptura, vale acrescentar,

O movimento aludido pode ser agarrado de forma expressiva no eixo teórico-metodológico que, a par de singularizar esta perspectiva no campo da renovação do Serviço Social no Brasil, acompanha todo seu desenvolvimento. Trata-se da referência à tradição marxista — que, com a produção dos representantes desta perspectiva [...] no momento da sua emersão, o projeto da ruptura aproxima-se da tradição marxista especialmente pelo viés da militância política — no que, recorda-se, conjugasse o protagonismo oposicionista das camadas médias urbanas e o movimento estudantil do período de 1964-1968 (NETTO, 2011, p.268).

Sobre a teoria social crítica, na perspectiva de compreensão do materialismo histórico dialético marxista, foi feita alusão a autores do Serviço Social que

contemplam o desenrolar da apropriação à tradição marxista e quais os autores, dentro da perspectiva marxiana, influenciaram essa trajetória.

Inicialmente, a intenção de ruptura não sucedeu sem problemas, havia uma visão reducionista e equivocada do marxismo abordado, o qual era representado pelo pensamento de Louis Althusser (PIANA, 2009, p.98). Essa leitura equivocada remete-se à pouca produção científica dos profissionais, na época, pelas próprias produções de Marx, mas sim por produções de seus seguidores.

Outra característica de Althusser é o pensamento estruturalista, que retratava o cenário político da autocracia burguesa, que tinha um cariz tecnocrata e influências americanas, no entanto, segundo Tavares (2013, p.10) “Althusser tenha tido a pretensão consciente ou inconsciente de uma ‘redescoberta’ do verdadeiro Marx”, e, mesmo com esse equívoco os profissionais que não leram diretamente as obras, extraíram do pensamento de Althusser o essencial para contribuir para o Serviço Social.

Quando ocorre o distanciamento das bases teóricas de Althusser e quando se torna possível uma reaproximação significativa, desde os anos 1960, com o pensamento de Antonio Gramsci, momento em que “o referencial gramsciano é buscado, inicialmente, como possibilidade para pensar a atuação do assistente social, enquanto intelectual orgânico, marcando seu compromisso com as classes subalternas”, trazendo subsídios para interpretação e aproximação real com a tradição marxista (SIMIONATTO, 1999, p.185).

É, portanto, com a influência de Gramsci que as práticas profissionais ganham sua dimensão política, tanto nas intervenções, quanto nas produções intelectuais. Havia, portanto, um receio frente ao direcionamento de compreensão do método, da ciência e da ideologia, no qual a autora deixa explícito:

É nos eixos dessas preocupações que [...] recorre a Gramsci, entendendo tratar-se de um pensador, no campo marxista, que possibilita pensar o encaminhamento de uma prática “política e pedagógica”, portanto, de umas práxis sociais voltadas à luta pela hegemonia na sociedade, na qual o Serviço Social, enquanto prática profissional, tem um papel a desempenhar (SIMIONATTO, 1999, p.202-203).

A dimensão pedagógica nos remete à tríade da educação superior: ensino, pesquisa e extensão, que tem no método de Marx a dialética, para interpretação da totalidade e suas contradições. Esse movimento é particularmente absorvido pelo Serviço Social brasileiro através das influências teóricas pelas quais a profissão

passou, desde seu movimento de reconceitualização às reflexões com pensamento gramsciano e, conseqüentemente, o diálogo com outros autores da tradição marxista.

As diferentes perspectivas marxistas tomadas como fundamentos para o Serviço Social têm lançado luzes à compreensão da profissão na divisão social e técnica do trabalho, aprimorou o conhecimento e a crítica ao conservadorismo, desvendando as expressões da questão social em tempo de “capital fetiche”, deslindando as engrenagens do sistema capitalista e do Estado, suas contradições na geração da riqueza e da pobreza, a movimentação e a correlação de forças entre as classes sociais na afirmação de direitos e de participação, sem prescindir do apropriado instrumental técnico-operativo (SIMIONATTO, 2018, p.4)

Ao perceber que o Serviço Social podia ser mais que um agente do Estado, a compreensão de realidade poderia ser disseminada nas universidades e faculdades, a vanguarda não hesitou e o esforço para a pesquisa das fontes originais da teoria social veio como anseio para fortalecer a profissão do seu arsenal teórico-metodológico, principalmente na transição do Código de Ética de 1986 para o de 1993, elevando o debate sobre o projeto ético político da profissão (LARA, 2009). Outro autor também destaca que,

Nesta mesma década, aferem-se também avanços em torno do projeto no que tange à produção teórica que dá saltos significativos tanto quantitativamente quanto qualitativamente, trazendo temas fundamentais ao processo de renovação, tais como a questão da metodologia, as políticas sociais e os movimentos sociais. Pode-se localizar aí a gênese do projeto ético-político, na segunda metade da década de 1970. Esse mesmo projeto avançou nos anos 1980, consolidou-se nos 1990 e está em construção, fortemente tensionado pelos rumos neoliberais da sociedade e por uma nova reação conservadora no seio da profissão na década que transcorre (NETTO, 2009, p.13).

A formação acadêmica nos proporciona apreender a lógica da sociedade capitalista e os tensionamentos causados pelos projetos societários antagônicos. Sobre a teoria social crítica, Iamamoto (2001) pondera a referência nas interpretações, enquanto profissional de,

[...] diferentes inserções que envolvem contratos e relações diferenciadas com sujeitos sociais também distintos, estabelecem limites e possibilidades ao trabalho concreto do assistente social, moldando-o juntamente com o protagonismo dos seus agentes, nessas várias circunstâncias e redimensionando as formas em que se apresentam o seu significado social. [...] e pensar o Serviço Social, nesse momento histórico o uso criador do método legado por Marx é um recurso analítico fecundo para análise das inéditas realidades presentes (IAMAMOTO, 2001, p.30).

Essa perspectiva da contribuição da teoria marxista para o Serviço Social possibilitou apreensão do real, conexão com a classe trabalhadora e maior interlocução da categoria profissional com os movimentos sociais, inclusive o movimento estudantil de Serviço Social na contribuição para o Serviço Social brasileiro.

“Quando Ser Crítica”: O MESS e a dimensão crítica na formação profissional.

Trazer uma ponderação sobre o ME na formação profissional é de suma importância, pois, desde o início, ele surge no âmbito universitário e os estudantes se deparam com uma universidade que influenciou o processo de renovação do Serviço Social. Os estudantes, não somente da graduação, mas também da pós-graduação, comprometidos com a apropriação da formação crítica que se almejava durante o processo de renovação do Serviço Social pela intenção de ruptura, têm, em sua proposta, a compreensão da apropriação da teoria social crítica Marxista pelo Serviço Social brasileiro e pelo MESS, da mesma forma que ocorreu com os movimentos sociais.

Através do protagonismo do MESS sobre a relevância da sua história de luta em conjunto com a sociedade brasileira e a categoria profissional, o movimento estudantil surge pelas necessidades e particularidades concretas, demandadas pelos estudantes nos espaços que ocupam nas universidades e instituições de ensino superior, dificuldades que surgem durante a formação acadêmica. Porém a universidade não atenderia às demandas colocadas pelos estudantes.

[...] o segmento estudantil é considerado como sujeito fundamental do processo de organização política da categoria dos (as) assistentes sociais, no Brasil. Considerados como profissionais em formação, são incluídos, pelos demais segmentos da profissão, no processo de articulação e mobilização do Serviço Social (RAMOS, 2011, P.114).

Através da organização política, junto aos movimentos sociais, grupos organizados como os sindicatos, entre outros movimentos populares, o MESS tem sua contribuição em aprofundar o debate sobre processo de ruptura com o conservadorismo, porém, com a eclosão do período ditatorial, os movimentos ficaram à mercê do decreto nomeado, Ato Institucional Nº: 5 (AI-5) medida do governo militar que enfraqueceu os movimentos, quando foram cruelmente oprimidos, como destaca SANTOS (2007)

As organizações populares, partidos políticos, sindicatos, movimentos políticos, centros acadêmicos – CA's, diretórios acadêmicos – DA's e diretórios centrais estudantis – DCE's são duramente reprimidos e proibidos de exercerem suas atividades. A União Nacional dos Estudantes – UNE é “legalmente” extinta e tem sua sede no Rio de Janeiro é barbaramente incendiada por militares. (SANTOS, 2007, p.103)

No entanto, a luta não cessou, segundo Netto (2011, p.259), “o protagonismo aberto da classe operária e outras camadas da classe trabalhadora, pela perspectiva da intenção de ruptura, desenvolveu sua politização”, com a ideia de confronto ao regime militar e, assim, a luta foi centralizada pelo “movimento intelectual e estudantil”.

A organização estudantil contribuiu, principalmente, através das entidades nacionais, no processo de reestruturação e redemocratização do país nos anos do período ditatorial. A década de 1980 é marcada pela forte organização em massa dos movimentos sociais, das greves da classe trabalhadora, principalmente no ABC Paulista, que alterou o cenário político brasileiro com o surgimento do

Partido dos trabalhadores – PT, a Central Única dos Trabalhadores – CUT, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST [...] dentre vários outros movimentos sufocados durante o período militar. Dentre as lutas particulares dos movimentos em ascensão, destaca-se, assumida pelo um amplo setor, a campanha pelas Diretas Já (SANTOS, 2007, p.106).

No âmbito do Serviço Social, o ME se finda a partir da reestruturação da UNE em 1978, passa no seu processo interno por disputas partidárias, até mesmo pela participação dos seus dirigentes em partidos políticos. Essa disputa se dá pela “hegemonia política da direção da UNE”, culminando no distanciamento das lutas estudantis, transformando-as em lutas partidárias (SANTOS,2007).

Essa disputa interna desencadeou a criação das entidades nacionais de vários cursos da graduação, incluindo dos (as) estudantes de Serviço Social, intitulada ENESS, que, por iniciativa própria, trouxe para seu primeiro encontro nacional a discussão sobre a realidade brasileira da época e sobre formação profissional e a educação. Um dos pontos discutidos foi a necessidade de reformulação do currículo em Serviço Social, como afirma Ramos (2011):

No processo de construção da sua ação política, a ENESSO tem participado ativamente nos debates coletivos gestados na profissão. Nota-se a participação estudantil em todos os momentos decisivos para os rumos do Serviço Social brasileiro, notadamente nesta década, como se observa nos documentos produzidos sobre a dinâmica de elaboração do código de ética de 1993 e das diretrizes curriculares de 1996 (RAMOS, 2011, p.119).

Em maio de 1979, é criada uma comissão nacional para discutir o que ficou deliberado no encontro nacional sobre a organização do próximo encontro, no caso o II ENESS. Nessa ocasião, um dos pontos discutidos foi a necessidade de reformulação do currículo em Serviço Social

Dessa maneira, não podemos dizer que no período da ditadura militar, é inexistente a organização política dos estudantes de Serviço Social, mesmo sob condições de abafamento político, uma vez que possuem evidências do contato dos estudantes com o movimento de Reconceituação na América-latina no período de 1965-1975 e o contato das vanguardas estudantis com as teorias críticas. Tais vanguardas assumiram posteriormente os postos de docências nas universidades, fundamental para o acúmulo teórico e crítico no âmbito universitário para o processo de ruptura (SANTOS, 2007, p.113).

Logo, em 1981, surge a discussão de ser criada uma Subsecretaria de Serviço Social dentro da UNE, a SESSUNE, debate que envolve a criticidade dos

estudantes da época, como forma de legitimar sua organicidade frente à UNE que, em 1993, passou a denominar-se de Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social- ENESSO (RAMOS, 2011).

No ano de 1988, durante o ENESS, foi eleita a primeira gestão da SESSUNE. Sua sede era localizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e suas principais funções, enquanto gestão, era contribuir na organização do VI Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e com articulação do Movimento estudantil na América Latina. (ENESSO, 2014, p.3)

Segundo Lima (2017), o ano de 1993 foi um grande marco para a Executiva. Neste ano, a SESSUNE passa a se chamar ENESSO. Essa mudança ocorreu após vários debates nos espaços do MESS e levou à conclusão de que essa mudança vai muito além do que o nome, mas, sim, uma autonomia enquanto Executiva perante a UNE, de forma a:

Percebe-se que foram vários anos de debate para que chegassem a esta conclusão. Junto dessa mudança surge o Estatuto da ENESSO. Este estatuto traz de forma organizada entre artigos e incisos todas as atividades que devem ser realizadas enquanto Executiva, formalizando sua existência institucional, além de como funciona e se divide as regiões. O documento é revisado de 3 em 3 anos no ENESS, por perceber que o movimento estudantil é cíclico e a conjuntura rebate diretamente na sua organicidade. (LIMA, 2017, p.34)

Quanto à sua organização interna, a ENESSO, após o processo de reorganização da sua base, em meados das últimas décadas dos anos 1980, a Executiva afirmou sua divisão, para abranger sua atuação perante os outros estados da federação. Ficou instituído no Estatuto da ENESSO a Coordenação Nacional - CN e as Coordenações Regionais - CR.

Sobre o eixo formação profissional, a articulação entre ENESSO e ABEPSS, por uma formação de qualidade, crítica e com uma direção social em defesa da classe trabalhadora, surgem os Seminários de formação profissional Nacional e Regional que ocorrem a cada dois anos, sendo o tempo de gestão estipulado pela ABEPSS. Esse evento tem sua importância singular durante a graduação, devido a sua capacidade crítica de organização.

Vale ressaltar que o diálogo entre ABEPSS e a ENESSO se desenvolveu pelo eixo da formação profissional, através do amadurecimento do MESS, em vista pelas argumentações vivenciadas de diversas formas durante a formação acadêmica e pelo direcionamento político adquirido pelo processo intenção de ruptura.

A articulação entre essas entidades e o nível de organização dos segmentos profissional e estudantil é referendada como um patrimônio político, historicamente conquistado na profissão e que contribui efetivamente para a construção de uma cultura política democrática no âmbito do Serviço Social (RAMOS, 2011, p. 114)

Esse amadurecimento político do MESS, advindo das construções coletivas, dentro do processo de formação profissional, o conhecimento para efetivação do Projeto Ético Político, pela direção social adquirida para atuação profissional, é apropriar-se das dimensões constitutivas da profissão, ou seja, política-organizativa da categoria, a dimensão da produção de conhecimento e a dimensão jurídico-política da profissão.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Desse modo, a análise da coleta de dados através da pesquisa de campo se deu a partir desses 26 estudantes ingressantes e concludentes. A partir do campo investigado, apresentou que 19,2% são ingressantes e 76,9% são concludentes. A pesquisa revelou que: 95,6% (25) são do sexo feminino e 3.8% (1) do sexo masculino.

Sobre o perfil dos estudantes, de acordo com Abramides (2016), a inserção de jovens do sexo masculino é observado desde 1971, quando foi fundada a Faculdade de Serviço Social de São Paulo – FAPSS – SP. Porém, a predominância é feminina, de acordo com Cisne (2004),

A marca da “feminização” no Serviço Social acompanha a profissão desde sua gênese. Todavia, ela não se desenvolve espontaneamente e possui determinações históricas-concretas fundadas em uma cultura de subordinação das mulheres, com nítidos interesses de classe. Esse fato pode ser percebido por meio da responsabilização das mesmas pela reprodução social, reforçando a naturalização dos papéis conservadores de gênero [...] parte-se, então, da premissa que a feminização de determinados papéis, atividades e profissões faz parte de estratégias de produção e reprodução do capital voltadas para desqualificação da força de trabalho, neste caso, específico da mulher (CISNE; GEHLEN, 2004, p.11)

Através da pesquisa, foi indagado aos entrevistados questões sobre o MESS que desembocaram em posicionamentos contraditórios, porém, isso pode estar relacionado por essa dualidade entre a mercantilização do ensino e a organização estudantil, que se associa muitas vezes às universidades públicas, como explica Guimarães (2014),

Além das particularidades que perpassam a organização estudantil nas escolas privadas, destacamos, também, a realidade objetiva dos (as) estudantes que aí estão inseridos, à medida em que, em grande parte, trata-se de estudantes que são também trabalhadores (as) e/ou mães e, em meio à sobrecarga de responsabilidades decorrentes dessa condição, acabam por terem sua participação no movimento estudantil comprometida ou pelo menos minimizada, elementos que não podemos desconsiderar. Subjacente

a essas limitações objetivas dos (as) estudantes, a realidade sugere ainda a existência de dificuldades postas à organização política estudantil, de forma autônoma, nas instituições privadas, haja vista a própria ausência de abertura para espaços fomentados pelo ME (GUIMARÃES, 2014, p.72).

Esse contexto de instituição privada traz consigo uma perspectiva de facilidade do acesso ao ensino. Essa relação mercantil de entre cliente e produto fragiliza as organizações políticas e os direcionamentos que a profissão construiu, isso rebate diretamente no ME.

A pesquisa questionou aos discentes sobre o conhecimento deles sobre a ENESSO, que construiu junto à categoria profissional e junto a ABEPSS para formação profissional de qualidade, junto às bandeiras de lutas que perpassam a formação crítica e a defesa por uma educação laica, gratuita e de qualidade.

A pesquisa revelou que 57% afirmaram que conhecem e 34% desconheciam a ENESSO, mas já ouviram falar. Outro questionamento foi sobre a percepção das/os entrevistados sobre a importância da ENESSO. Percebeu-se que os discentes entendem a importância da Executiva, quando surgem os seguintes relatos: *“Bom, é necessária uma representação atuante, através de Intervenção e esclarecimentos como trabalha a mesma.”*

Outro dado relevante e contraditório deste cenário é que 92% afirmam reconhecer o MESS como movimento social. Quando questionados sobre a participação no MESS durante a graduação, 73% afirmaram não ter construído o movimento estudantil nesse período e 26% afirmaram ser o próprio MESS.

Quando questionados se conseguiam associar se alguma disciplina contribuiu ou contribuiu para a aproximação e entendimento sobre o MESS, eles se expressaram algumas, como *“Movimentos Sociais, Questão Social e Ética”*.

Importante enfatizar que as Diretrizes Curriculares se configuram como um norte para as IES na formação acadêmica-profissional, pelo fato do avanço neoliberal através da mercantilização da educação, que prioriza a relação de clientelismo com o ensino superior.

Dessa forma, ao compreender os tensionamentos que perpassam o MESS dentre as suas dificuldades internas e os rebatimentos externos advindos da conjuntura, bastante adversa, posta para todas/os estudantes que militam e que se interessam em construir o movimento.

CONCLUSÃO

O trabalho buscou compreender a relação entre a formação profissional e o movimento estudantil de Serviço Social, no âmbito da criticidade e formação política presente nos direcionamentos das Diretrizes Curriculares da ABEPSS, após o período de renovação do Serviço Social.

A formação crítica proporcionada pelo MESS vai para além das salas de aulas, os processos estão interligados e se complementam e, para além disso, um paradoxo, o esvaziamento dos espaços de formação política, que rebate diretamente na falta de compreensão e interesse dos alunos, tem evidenciado pela formação aligeirada e precária, dificultando apropriação e aproximação com a teoria social crítica.

Os resultados obtidos contribuíram para melhor compreensão sobre o MESS e a formação profissional e, percebeu-se, que, a falta de informações ou a busca por ela, investe sobre a fragmentação da mesmas e que, ainda, o não conhecimento sobre as ações da ENESSO desmobiliza e fraciona o MESS, rebatendo nos centros acadêmicos que realizam os trabalhos de base.

Percebe-se, ainda, que, neste cenário, o cotidiano e as múltiplas jornadas desses estudantes acirram de certa forma a graduação, quanto aos esforços feitos para conseguir uma assimilação e compreensão dos conteúdos e nas relações sociais que os cercam os movimentos sociais com ênfase no MESS.

REFERÊNCIAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. 80 anos do Serviço Social no Brasil: organização política e direção social da profissão no processo de ruptura com o conservadorismo. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 127, p. 456-475, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.080>.

CISNE, Mirla Álvaro; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes. **Serviço Social: uma profissão de mulheres para mulheres?: uma análise crítica da categoria gênero na histórica "feminização" da profissão.** 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

ENESSO. **História da ENESSO.** Setembro de 2014. Disponível em: <https://enessooficial.files.wordpress.com/2011/06/histc3b3ria-da-enesso.pdf>

GUIMARÃES, Maria Clarice Ribeiro. Movimento estudantil de serviço social e dilemas atuais: o desafio é (re)encantar-se. **Universidade e Sociedade**, Brasília, DF, n. 54, p. 70-81, ago. 2014.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. ed. 11. São Paulo: Cortez, 2011.

LARA, Ricardo. A incidência da teoria social crítica no Serviço Social. **Serviço Social e Realidade**, Franca, v.18, n. 1, p. 43-59, 2009.

LIMA, Amanda Almeida. **As Relações do Movimento Estudantil com a Formação Profissional e seus Impactos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Serviço Social) da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – FAMETRO. Fortaleza, 2017.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**. 16.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. In Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books . Acessado em 18/03/2019.

RAMOS, Sâmia Rodrigues. A Importância da Articulação Entre Abepss, Conjunto Cfess/Cress e Enesso para a Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social Brasileiro. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.113-122, jul./dez. 2011.

SANTOS, Tiago Barbosa. **A participação política dos estudantes de Serviço Social na defesa e consolidação da direção social da formação**: a práxis política dos estudantes e a relação com a formação profissional. 2007. 279 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) -- Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

SIMIONATTO, Ivete. As abordagens marxistas no estudo dos fundamentos no Serviço Social. In: **Serviço Social e seus Fundamentos: conhecimento e crítica**. Campinas: Papel Social, 2018

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci**: sua teoria, incidência no Brasil, influência do Serviço Social. ed. 2. Florianópolis, ed. da UFSC. São Paulo: Cortez, 1999.

TAVERES, Maria Augusta. Marx, marxismo e Serviço Social. **Rev. katálysis**, v.16, n.1 Florianópolis Jan./Jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802013000100002>.

YASBEK, Maria Carmelita. **O significado sócio-histórico da profissão**. In Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.